

EXPLORAÇÃO MINERAL E A QUESTÃO SÓCIO-ECONÔMICA E AMBIENTAL NA COMUNIDADE QUILOMBOLA SERRA DO TALHADO-SANTA LUZIA-PB

Wandenberg LIMA (1); Márcia GOMES (2); Alexandre SOARES (3); Eliane PEREIRA (4); Isabella ARAÚJO (5); Mariana FERNANDES (6)

- (1) Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba/Campus Campina Grande
Rua Tranquilino Coelho Lemos, 671- Dinamérica – Campina Grande, e-mail: wandercg@oi.com.br
- (2) Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba/Campus Campina Grande
Rua Tranquilino Coelho Lemos, 671- Dinamérica – Campina Grande, e-mail: mmarciagomes@gmail.com
- (3) Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba/Campus Campina Grande
Rua Tranquilino Coelho Lemos, 671- Dinamérica – Campina Grande, e-mail: xandytrezeano@yahoo.com.br
- (4) Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba/Campus Campina Grande
Rua Tranquilino Coelho Lemos, 671- Dinamérica – Campina Grande, e-mail: eliane-fernanda@hotmail.com
- (5) Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba/Campus Campina Grande
Rua Tranquilino Coelho Lemos, 671- Dinamérica – Campina Grande, e-mail: i.z.a-oliveira@hotmail.com
- (6) Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba/Campus Campina Grande
Rua Tranquilino Coelho Lemos, 671- Dinamérica – Campina Grande, e-mail: eu-sou_neguinhaa@hotmail.com

RESUMO

O atual território quilombola Serra do Talhado, em Santa Luzia, na Paraíba é um dos sítios geográficos do Brasil formado durante o período escravista, caracteriza-se como lugar delimitado socialmente, para onde convergiam povos negros escravos que se rebelavam contra o sistema vigente da época, através de lutas e fugas foi se constituindo comunidades livres. O objetivo desta pesquisa é analisar as relações existentes entre a exploração mineral e as questões socioeconômicas e ambientais neste território quilombola. Os procedimentos metodológicos e os instrumentos de pesquisa foram norteados das seguintes etapas: a) a pesquisa bibliográfica; b) a pesquisa de campo; c) a organização e sistematização dos dados coletados e organizados. A pesquisa nos revelou que a empresa mineradora que tem permissão para extrair as riquezas minerais (granito ornamental) existentes neste território não estava atuando e que não havia conflitos territoriais. Ao contrário, eles afirmaram que a empresa mineradora era um elo importante no acesso a infraestrutura do território como água, energia, transporte, saúde, etc. Atualmente, como a empresa está inativa, temporariamente, percebeu-se uma precariedade nas condições de vida. Os quilombolas afirmam que as condições de vida deles eram mais amena quando a empresa mineradora estava ativa. Atualmente, das 38 famílias somente 30 recebem uma cesta básica da FUNAI. Constatou-se também que as formas de organização social existentes são frágeis e que há uma ausência de políticas públicas para essa comunidade quilombola.

Palavras-chave: Exploração mineral, Comunidade Quilombola e Questão Socioeconômica.

1. Introdução

A mineração é um dos setores básicos da economia do país, contribuindo de forma decisiva para o bem estar e a melhoria da qualidade de vida das presentes e futuras gerações, sendo fundamental para o desenvolvimento de uma sociedade equânime, desde que seja operada com responsabilidade social, estando sempre presentes os preceitos do desenvolvimento sustentável.

A atividade da mineração no Brasil remonta ao período da colonização, surgiu para além da faixa litorânea do país dando início ao processo de povoamento do interior; notadamente no Estado de Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso, núcleos de maior densidade. Nos estudos de Prado Jr. (1994, p. 55) os “[...]”

fatores principais que determinaram a penetração do povoamento pelo vasto interior da colônia, foi [...] a mineração e a dispersão das fazendas de gados [...]”. Neste sentido, a mineração teve um importante papel para o desenvolvimento das empresas comerciais bem como, no processo de estruturação do espaço geográfico atual.

Na Paraíba esta atividade econômica não fugiu desse padrão de estruturação do espaço geográfico; deu-se no interior do Estado, a exemplo da microrregião Seridó oriental e Seridó ocidental, assim denominada pelos critérios de regionalização do espaço geográfico. Esta microrregião tem como atividade econômica principal a mineração. Uma microrregião rica em caulim, calcário, ferro, scheelita, talco, amianto, minerais de pegmatitos, quartzitos e granitos ornamentais.

O município de Santa Luzia localiza-se na região central-norte do Estado da Paraíba, Meso-Região Borborema e Micro-Região Seridó Ocidental Paraibano e tem como atividade econômica expressiva a mineração, especificamente a extração do granito para fins ornamentais na Serra do Talhado distante 22 km do centro urbano; nela há uma comunidade quilombola que foi reconhecida respeitando-se o Decreto nº 4.887/2003 e a Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT) sobre os povos indígenas e tribais.

A certificação de comunidades remanescentes de quilombos pela Fundação Cultural Palmares, ligada ao Ministério da Cultura, visa garantir a essas comunidades a posse da terra e o acesso a serviços de saúde, educação e saneamento. A comunidade quilombola Serra do Talhado teve seu auto-reconhecimento no ano de 2004 pela Fundação Cultural Palmares.

A atividade econômica mineradora está presente dentro desta configuração espacial, denominada território quilombola. Partindo dessa realidade, a nossa problematização parte dos seguintes questionamentos: dentro da legislação específica de comunidades quilombolas, de que forma é atuação de empresas na área de mineração, no território Serra do Talhado? Como se dá a exploração mineral no território quilombola? Há alguma preocupação com a degradação ambiental nessa área? Como se dão as formas de trabalho em território quilombola? Os quilombolas trabalham com a atividade mineradora, como se dão as forças produtivas neste contexto? De que forma vivem os quilombolas socialmente e economicamente? Esses questionamentos foram norteadores para entender a dinâmica territorial existentes entre a comunidade e a empresa mineradora.

É um desafio abordar o tema proposto, não queremos esgotá-lo, tampouco apontar soluções. O que se apresenta, são alguns resultados de uma pesquisa de Iniciação Científica acerca da relação existente entre a exploração mineral e a comunidade quilombola Serra do Talhado, localizado na zona rural do município de Santa Luzia, na Paraíba. A especificidade desse território quilombola reside na atuação de uma empresa mineradora, que no momento atual está inativa na extração de minérios, especialmente o granito ornamental.

2. Fundamentação teórica

A abordagem geográfica que se faz na compreensão da complexa dinâmica territorial quilombola na Serra do Talhado fundamenta-se na discussão teórica sobre território. Segundo a análise de Raffestin (1993) destaca que a formação do espaço é anterior ao território “o território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente [...] o ator “territorializa” o espaço.

O autor ao remeter-se a formação do território baseia na idéia de poder, de mecanismo de controle e dominação. Essa concepção de território é fundante no processo de construção e desdobramento da concepção de território por outros autores. Na análise de Haesbaert (2004), “o território, imerso em relações de dominação e/ou de apropriação sociedade-espaço, “desdobra-se ao longo de um *continuum* que vai da dominação político-econômica mais ‘concreta’ e ‘funcional’ à apropriação mais subjetiva e/ou ‘cultural-simbólica’”. Para este autor as dimensões sociais fundamentais são o político e cultural que aparece como fator construtivo na apropriação do espaço territorializado.

A comunidade quilombola Serra do Talhado desenvolve práticas e ações de resistência que implicam no domínio simbólico e/ou material de uma fração do espaço determinada. Das 35 comunidades remanescentes de quilombos na Paraíba, 34 possuem a Certidão de auto-definição (Incra, 2010). O processo de auto-reconhecimento é a etapa inicial para a regularização fundiária e titulação das terras. A terra como identidade quilombola é bastante significativa socialmente, segundo a Revista Quilombos Hoje (2010) “[...]”

as comunidades quilombolas integram, hoje, o vasto contexto agrário brasileiro e se auto-definem a partir das suas relações com a terra, o território, o parentesco, a ancestralidade, as tradições e as práticas culturais próprias”. A formação de territórios quilombolas foi historicamente construída por lutas, conquistas e conflitos engendrados pelas formas de exploração do trabalho para acumulação de riquezas instituídas pelos colonizadores.

A indústria de mineral, notadamente a de exploração de granito (rochas ornamentais) exige instrumentos técnicos e tecnológicos em todo o seu processo produtivo. Para Neves e Silva (2007) “o empreendimento mineral, ao contrário do que o senso comum faz parecer, é intensivo em capital e demandante de mão-de-obra altamente qualificada”. Neste sentido, estudar a dinâmica territorial existente numa comunidade quilombola exige-se identificar para entender as dimensões sociais tanto dos quilombolas quanto da empresa mineradora.

3. Metodologia

A pesquisa desenvolvida pretendeu obter resultado aproximado da realidade dos quilombolas, notadamente na Serra do Talhado, em Santa Luzia, na Paraíba, e de entender a relação existente entre eles e a empresa mineradora. No entendimento de Minayo (1996, p. 23) a pesquisa é a “[...] atividade básica das ciências na sua indagação e descoberta da realidade. É uma atitude e uma prática teórica de constante busca que define um processo intrinsecamente inacabado e permanente”. Foi com este espírito que essa pesquisa se encaminhou, na possibilidade de entender a complexidade da relação existente entre a empresa mineradora e a comunidade quilombola. Na pesquisa qualitativa, os dados quantitativos são importantes para a análise. No pensamento de Triviños (1995, p. 129) “a pesquisa qualitativa nas ciências sociais é também descritiva”. Neste sentido, o universo desta pesquisa restringiu-se a comunidade quilombola e à empresa mineradora que está inserido no território quilombola. O procedimento metodológico e os instrumentos de pesquisa adotados foram:

- a) Pesquisa bibliográfica e de campo;
- b) Organização e sistematização dos dados coletados;
- c) Elaboração do relatório.

A pesquisa documental esteve relacionada à pesquisa bibliográfica ou fonte secundária que abrangeu toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo. A exemplo de boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, projetos. Esse processo foi realizado em etapas com visitas a órgãos públicos: bibliotecas municipais e/ou, das Universidades, no Ministério do Trabalho, DNPM, Ministério de Minas e Energia, SUDEMA. Entretanto, não houve visita em todos esses locais para realizar esta etapa da pesquisa.

O trabalho de campo em geografia é uma das etapas da pesquisa muito significativa na apreensão da realidade. Na produção do conhecimento geográfico, há uma considerável parcela de pesquisadores que discute sobre esta etapa. No procedimento do trabalho de campo em geografia a observação, a descrição, o ouvir são elementos essenciais na pesquisa empírica. Santos (2004, p.18), chama atenção ao procedimento clássicos do trabalho de campo em geografia “[...] a descrição e explicação são inseparáveis. O que deve estar no alicerce da descrição é a vontade de explicação”. Alerta Gomes (2006, p. 103) que esses procedimentos [...] é também uma tarefa enriquecedora para o pesquisador, porém não tão simples de realizar. É necessário um exercício contínuo no processo de construção do saber descrever com riqueza de detalhes e explicar com base metodológica estudada anteriormente. Priorizou-se nesta pesquisa de campo a observação assistemática e a entrevista tipo despadronizada ou não-estruturada, apesar de haver limitações nessa metodologia foi o que tornou-se possível de ser realizado.

4. Resultados, Discussão e Considerações Finais

O atual território quilombola Serra do Talhado, em Santa Luzia, na Paraíba é um dos sítios geográficos do Brasil formados durante o período escravista. Caracteriza-se como um lugar delimitado socialmente, para onde convergiam povos negros escravos que se rebelavam contra o sistema vigente da época através de lutas e fugas, ao longo do tempo, portanto, foram-se constituindo comunidades livres. Atualmente a luta está relacionada para o reconhecimento jurídico de seus direitos.

Dentro de um contexto histórico de luta política e, especialmente de conquista e reivindicação de movimentos sociais, sobretudo do Movimento Negro Unificado (MNU), da Comissão Nacional de Articulação dos Quilombos e de outras entidades negras organizadas contribuiu-se para uma discussão acerca da questão dos remanescentes de quilombos em todo o território brasileiro, notadamente na década de 1980. No tocante a legalidade da questão quilombola no Brasil, a Constituição Federal de 1988 dispõe um capítulo referindo ao reconhecimento da propriedade definitiva aos remanescentes das comunidades de quilombos que estejam ocupando suas terras, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos.

A Comunidade Serra do Talhado foi certificada no ano de 2004 pela Fundação Cultural Palmares, entretanto, a demarcação territorial ainda não foi realizada pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), órgão responsável competente para a sua identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas pelos remanescentes das comunidades dos quilombos. A situação social dos quilombolas da Serra do Talhado é bastante precária, devido a vários fatores (políticos e econômico) que dificultam o acesso aos bens materiais de ordem básica, como: moradia, saúde, alimentação, transporte.



Foto 1: Paisagem Serra do Talhado /Mariana Fernandes



Foto 2: Capela São José /Isabella Araújo



Foto 3: Vila da Comunidade Quilombola/Wandenberg Lima

As fotos de nº 1, 2 e 3 retratam parte do território quilombola Serra do Talhado, em Santa Luzia na Paraíba. A foto de nº 1 retrata uma paisagem típica do Seridó, a caatinga que se adapta à carência hídrica e que está sob o domínio geral do clima semi-árido. A caatinga do Seridó atinge um alto grau de empobrecimento, constituindo-se, praticamente, de um estrato herbáceo quase contínuo de capim panasco, [...] com esparsas touceiras de xique-xique, catingueira e jurema (Carvalho & Carvalho 1985). Na foto nº 2 retrata uma construção de uma capela religiosa, denominada *Capela São José*, na entrevista o que ficou explícito no discurso dos quilombolas é que há um predomínio do catolicismo; pouco da religiosidade afro e da cultura negra. A foto nº 3 é uma das habitações dos quilombolas, percebe-se que as construções habitacionais não tem conforto ambiental, apesar de serem construídas em alvenaria. Nos estudos de Anjos (2001) “a organização territorial dos remanescentes de antigos quilombos no Brasil apresenta algumas características geográficas comuns. Uma delas é a forma de distribuição espacial das construções, que ocorre de maneira esparsa no território, sem arruamento geométrico definido, como se verifica nas outras localidades do país.

Outro elemento importante para a construção da identidade quilombola é a manifestação cultural. Na busca de compreender a dinâmica territorial ali existente, foi realizada uma pesquisa bibliográfica informativa acerca da comunidade quilombola Serra do Talhado e o que, em geral os boletins informam, é que o elemento musical é bastante significativo; “[...] são cerca de 30 pessoas tocando sanfona, zabumba, triângulo no Talhado. As mulheres mexem com o barro, e os homens com a música [...]”. (A União, 2007). Entretanto, em entrevista realizada com alguns quilombolas não se menciona esta forte presença da música, apenas informa que há um professor de capoeira, de outra cidade, ensinando aos mais jovens.

Existem aproximadamente 38 famílias no quilombo e a infra-estrutura do território condiz a péssimas condições de vida. Neste universo quantitativo de famílias, a assistência médica é escassa, apesar de haver um Posto de Saúde, o médico comparece uma vez a cada três meses. Há também uma escola de Educação Infantil, mas com estrutura comprometida, somente em 1998 que a comunidade teve acesso à energia elétrica. O acesso ao transporte é outro problema enfrentado pelos quilombolas. As condições viárias são inadequadas para a locomoção entre a zona rural e a zona urbana. Comenta um quilombola:

“A grande vantagem da mineração aqui na época aqui era a seguinte, é que o que a comunidade precisava eles ajudavam né! Por exemplo, o transporte. Adoecesse uma pessoa, eles tinha um carro na mina, eles deixavam em Santa Luzia, esse negócio, água, água né! Combustível, combustível d’água (a gente sente muita falta da mineração aqui), alimentação, além de empregar o pessoal né!”

É perceptível nesse depoimento a ausência de políticas públicas neste território quilombola. Uma vez que a empresa mineradora fornecia uma determinada infra-estrutura para os quilombolas, embora não se saiba de que forma era realizada esta “parceria”. O acesso água é outro problema social precário, a comunidade quilombola depende de carros pipas durante maior parte do ano, apesar de ter um riacho dentro do território quilombola; segundo os quilombolas, a água é retirada de cacimbas (poço de água, geralmente com sabor desagradável, encontrado em leito de rios secos) pois um poço existente próximo à extração de minérios está servindo de água para os animais. Um dos entrevistados revelou: “[...] a dificuldade daqui da gente agora é água, o homem que enche a cisterna não veio e não chueu, pode ser que esteja quebrado, aqui tá muito ruim nem água tem, tem água não. [...] na época que a mineração tava aqui, foi melhor num foi? - Ave Maria, quando faltava a água eles davam a gente.

Dos 34 famílias quilombolas, 30 recebem uma cesta básica da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), as outras quatro famílias não foram incluídas no benefício. Segundo dados da União "a base econômica da comunidade quilombola, distante 24 Km da cidade de Santa Luzia, atualmente, são a música e a confecção de artesanato em argila". Entretanto, a pesquisa ainda não teve acesso às informações necessárias de como a música e o artesanato balizam a economia da comunidade.

2.2.3.- Exploração Mineral no território quilombola

A área onde foram desenvolvidos os trabalhos de extração de granito destinado ao mercado de rochas ornamentais é de titularidade da EUROBRASIL LTDA, vinculada ao processo DNPM N^o 846.211/2000, Alvará de pesquisa N.º 462 de 11/01/00, com Relatório de pesquisa aprovado e publicado no DOU de 19/12/2005, e requerida a lavra em 19/12/2006, a mesma possui uma extensão de 249 ha. A área está localizada em Talhado, Distrito e Município de Santa Luzia/PB. Atualmente, a mesma encontra-se paralisada, em virtude de não ter sido emitido pelo DNPM – Departamento Nacional de Produção Mineral, a sua portaria de lavra.



Foto 4: Jazida de Granito na Comunidade Quilombola



Foto 5: Blocos de granitos próximo a jazida na Comunidade Quilombola

A foto de nº 4 e 5 apresenta uma das áreas de jazidas de granito no território quilombola. A foto nº 4 apresenta em detalhe a frente de lavra, ou seja, o local exato da extração do granito onde pode-se observar uma bancada de onde são extraídos os blocos por parte da empresa mineradora. A exploração deste granito é favorecido devido ao mesmo encontrar-se totalmente exposto. Na foto nº 5 temos um panorama da paisagem degradada pela forma de extração conduzida pela empresa. É perceptível os blocos de rocha espalhados e abandonados pelo fato de ter um valor econômico reduzido no mercado. As extração de granito é destinado ao mercado de rochas ornamentais.

Atualmente a empresa mineradora que atua no território quilombola, encontra-se paralisada, em virtude de não ter sido emitido o alvará pelo Departamento Nacional de Pesquisa Mineral (DNPM), a sua portaria de lavra.

Contudo, apresentamos um breve diagnóstico da dinâmica territorial quilombola existente, dentro de um contexto socialmente precário e sob várias adversidades encontradas pela falta de acesso as condições de moradia, saúde, água e de infra-estrutura no território quilombola.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. (coord.). **Projeto Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil**. Fascículo 6. Quilombolas de Conceição das Crioulas. Salgueiro, Pernambuco. Brasília DF, 2007.

ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos. **O espaço geográfico dos remanescentes de antigos quilombos no Brasil**. Paradigmas da Geografia – Parte II. nº 17, AGB/Terra Livre: São Paulo, 2001.

CENTRO DE CULTURAL LUIZ FREIRE. **Projeto Fortalecimento Institucional Quilombola**. Relatório Executivo Convênio 013/05. Período outubro/05 a junho/07. http://ombudspe.org.br/brasilquilombola/?page_id=21. Acesso em 15 de maio de 2009.

BRASIL. Governo do Estado da Paraíba. **PERH-PB**: plano estadual de recursos hídricos: resumo executivo & atlas. Secretaria de Estado da Ciência e Tecnologia e do Meio Ambiente, SECTMA: Agência Executiva de Gestão de Águas do Estado da Paraíba, AESA. Brasília/DF: Consórcio TC/BR- Concremat, 2006.

DNPM _ Departamento Nacional de Produção Mineral. **Anuário Mineral Brasileiro**. Brasília, 1991. 670p.

GOMES, Márcia Maria Costa Gomes. A rosa-dos-ventos: o caminho percorrido. In: **A cidade dos olhos verdes**: precariedade urbana (um estudo da lei que altera as áreas verdes para a construção de habitações populares na cidade de João Pessoa-PB). Dissertação de Mestrado pelo Programa de Pós-graduação em Geografia pela Universidade Federal da Paraíba, 2007.

HAESBAERT, Rogério. **Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade**. Porto Alegre, 2004. <http://books168.com>. Acesso em 10 jul 2010.

INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA. **Representantes do Incra e de comunidades quilombolas paraibanas discutem agenda para 2010**. www.incra.gov.br. Acesso em 12 de jul/2010.

LAKATOS, Eva Maria e MARCONI, Marinha de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1991.

MINAYO, M. Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec/Abrasco, 1992.

NEVES, Carlos Augusto Ramos. & SILVA, Luciano Ribeiro da. **Universo da mineração brasileira**. Brasília: DNPM, 2007. www.dnpm.gov.br. Acesso jul 2010.

PRADO JR. Caio. **História econômica do Brasil**. 26 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

PARAÍBA. **Atlas Geográfico do Estado da Paraíba**. GOVERNO DO ESTADO DA PARAÍBA. João Pessoa: Grafset, 1985.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. Trad. Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Campo-território: considerações teórico-metodológicas**. Revista de Geografia Agrária. V. 1, n. 1, p. 60-81, Uberlândia, fev, 2006.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1995.